



A estética

A estética

Você já perguntou por que a arte e o belo sensibilizam, seduzem, atraem tanto as pessoas?

BELEZA

A experiência do prazer

A estética vem do termo grego *aisthetiké*, que significa “perceptível pelos sentidos”, mas seu uso consagrou-se para referir mais especificamente a tudo o que pode ser percebido como agradável e belo pelos sentidos. Assim, costuma-se dizer que “algo é estético” quando causa uma sensação aprazível, de beleza. E é por isso que chamamos de “centro de estética” um lugar onde se cuida de boa aparência ou beleza corporal de uma pessoa.

O que é belo?

O ser humano pode fazer juízos de fato (dizer o que são as coisas) e juízos de valor (julgar se determinada coisa é boa, ruim, agradável, bonita, feia etc.).

Entre os juízes de valor, podemos distinguir o juízo moral e o juízo estético – e é este último que nos interessa nesse capítulo. Pelo juízo estético, julgamos se algum objeto, algum acontecimento, alguma pessoa ou algum outro ser é belo. Mas o que é a beleza? De forma geral, a maioria das pessoas concordaria que belo é algo que nos agrada, que nos satisfaz os sentidos, que nos proporciona prazer sensível e espiritual. Também os filósofos que se dedicaram à investigação do que é a beleza não são unânimes quanto a essa questão.

Visões idealista e empirista

Para os filósofos idealistas- cuja tradição começa na Antiguidade com filósofo grego Platão- , a beleza é algo que existe em si, é objetiva. De acordo com a teoria platônica, a beleza seria uma forma ideal que substituiria por si mesma, como um modelo, no mundo das ideias.

Para os materialistas-empiristas, como o filósofo escocês David Hume (1711-1776), a beleza não está propriamente nos objetos (não é algo puramente objetivo), mas depende do gosto individual, da maneira como cada pessoa vê e valoriza o objeto- ou seja, o juízo do que é ou não belo é subjetivo.

Visão de Kant

Tentando superar esse impasse, Immanuel Kant buscou mostrar, em seu livro *Crítica da faculdade do juízo*, que, embora o juízo estético sobre as coisas seja uma capacidade subjetiva, pessoal, há aspectos universais na percepção estética dos indivíduos. Kant estendia que o juízo estético não é guiado pela razão, e sim pela faculdade da imaginação. Julgamos belo aquilo que nos proporciona prazer, o que não é nada lógico ou racional, e sim algo subjetivo, já que se relaciona ao prazer ou desprazer individual.

Por isso, para o filósofo, “todos os juízos de gosto são juízos singulares”, pois tem como referência um único indivíduo. Kant também afirmava que “belo é o que apraz universalmente sem conceito. Essa expectativa torna-se possível, para os filósofos, devido ao fundamento do juízo estético: a existência de um vínculo universal entre o belo e o sentimento de prazer, tendo em vista que determinados objetos despertam em grande quantidade de pessoas o mesmo sentimento de prazer.

Visão de Hegel

Diferentemente de Kant, que em sua reflexão levou em consideração apenas as condições da própria estrutura da sensibilidade humana, o filósofo alemão Georg W. Friedrich Hegel (1770-1831) trabalhou a questão da beleza em uma perspectiva histórica. Para ele, o relativo consenso acerca de quais são as coisas belas mostra apenas que o entendimento do que é belo depende do momento histórico e do desenvolvimento cultural.

Esses dois fatores determinariam certa visão de mundo, a partir da qual algumas coisas seriam consideradas belas e outras não. Hegel procurou demonstrar essa tese analisando a história da arte, da antiguidade até seu tempo, e demonstrando que a noção de belo variava conforme a época e o lugar. Em outras palavras, a capacidade estética, que é subjetiva, seria formada a partir das relações objetivas da vivência social de cada um. Portanto para Hegel, tanto a definição do que é beleza quanto a capacidade individual de percebê-lo são construções histórico-sociais.

Visão de Schopenhauer

Para o filósofo alemão Artur Schopenhauer (1788-1860), a arte tem um papel diferente: ela traz alívio ao sofrimento humano diante da permanente insatisfação da vontade. Segundo o pensador alemão, a arte está livre das perturbações do querer (vontade) porque não se submete às injunções do conhecimento (espaço, tempo, causalidade etc.).

Portando podemos dizer que o belo, para Schopenhauer, seria algo mais universal até mesmo do que o conhecimento científico, uma vez que nos permitiria vislumbrar- ainda que rapidamente- aspectos do mundo em sua plenitude, para além da transitoriedade dos fenômenos. O pensamento de Schopenhauer não teve grande repercussão durante sua vida. Mas sua obra influenciou grande número de artistas como o músico Richard Wagner e escritores argentino Jorge Luís Borges e o brasileiro Machado de Assis.

A ARTE

Expressão criativa da Sensibilidade

Desde os tempos pré-históricos, o ser humano constrói no mundo suas próprias coisas, demonstrando maior ou menor habilidade para isso. Em algum momento de nossas vidas, já sentimos o efeito agradável de uma obra de arte: uma música, um romance, uma pintura, uma dança, um poema.

Mas não é fácil explicar exatamente o que nos encanta ou entender os motivos pelos quais milhões de seres humanos, ao longo da história, são atraídos pela arte.

O que é arte?

A arte pode ter várias definições. Entre elas encontra-se a de Susanne K. Langer (1895-1985), filósofo estado-unidense, para quem a arte pode ser entendida como a prática de criar formas perceptíveis expressivas do sentimento humano. - * ***Prática de criar***- a arte é produto do fazer humano. * ***Formas perceptíveis***- a arte concretiza-se em formas capazes de ser percebidas por nossa mente. * ***Expressão de sentimento humano***- A arte é sempre a manifestação (expressão) dos sentimentos humanos.

Diferença entre arte e técnica

Quando predomina a intenção de produzir uma obra útil , temos as realizações técnicas , que se desenvolvem pela aplicação prática de um conhecimento .

Quando predomina a intenção de produzir uma obra bela , temos as chamadas belas-artes, ou simplesmente artes – embora toda arte dependa sempre de uma técnica, isto é , do domínio de uma habilidade prática .

Fenômeno Social

Há estudiosos que veem na obra de arte uma manifestação pura e simples da sensibilidade individual do artista. Outros a encaram como uma atividade plenamente lúdica, gratuita, livre de quaisquer preocupações utilitárias ou condicionamentos exteriores à sua própria criação.

- O artista é um ser social – e, como tal, reflete na obra de arte sua maneira própria de sentir o mundo em que vive, as alegrias e as angústias, os problemas e as esperanças de seu ambiente histórico social.

(Gyorgy Lukács).

- A obra de arte é percebida socialmente pelo público – por mais íntima e subjetiva que seja a experiência do artista deixada em sua obra, esta será sempre percebida de alguma maneira pelas pessoas.

Como fenômeno social ,a arte possui , portanto, relações com a sociedade.Essas relações são dinâmicas , modificando-se conforme o contexto histórico. E envolvem três elementos fundamentais: a obra de arte, seu autor e o público.

Fenômeno Universal

Afirmar que a arte é um fenômeno social não significa reduzi-la a mero produto de condicionamentos históricos e ideológicos. Não há dúvida de que esses condicionamentos existem e atuam sobre o artista, porém, na realização da obra de arte, todos os elementos que a envolvem precisam ser resolvidos artisticamente, isto é, traduzidos em termos de criação estética.É nessa criação que reside o valor essencial de toda grande obra de arte. Ocorre nela uma espécie de rompimento com o tempo imediato e u encontro do ser humano com a eternidade.

Arte e Educação

Por diversos ângulos e diferentes enfoques, as discussões sobre a beleza e o estético tiveram presença marcante no pensamento de vários autores, desde a Antiguidade grega até nossos dias. Muitas dessas especulações tenderam a associar o belo ao bom, entrelaçando os campos filosóficos da estética e da ética. Também se verifica um entrelaçamento entre estética e ética quando se constata que o belo pode despertar o bom no indivíduo e que , por isso , deve fazer parte da sua educação.

Arte e indústria cultural

Schiller considera que existe uma arte ideal , cuja função seria servir à necessidade do espírito humano e não ao “mercado do século”, ou seja, aos interesses econômicos que determinam o que pode e deve ser feito para atender à demanda de mercado. Schiller refere-se a um fenômeno contemporâneo que já despontava à sua época: a indústria cultural.

De acordo com Theodor Adorno, a arte e os bens culturais com frequência estão submetidos aos interesses do capitalismo contemporâneo e, quando isso ocorre, não passam de negócios, como qual quer outro produto do mercado. Essa indústria de lazer e divertimento investe em determinados produtos culturais que agradam às massas de forma imediata. Não está preocupada com uma educação estética, ou seja, com a criação de condições para que a maioria das pessoas possa receber manifestações artísticas de maior qualidade.

Além disso, a produção em massa torna possível a difusão de “mercadorias culturais” (filmes, músicas, shows, revistas), por meio das quais a indústria cultural vende – na interpretação de Adorno – os valores dominantes do capitalismo, promovendo uma “colonização do espírito” dos consumidores. Em algumas de suas expressões, como o cinema, a arte chega a ser convertida muitas vezes em vitrine para vender mercadorias: automóveis, roupas, refrigerantes, computadores etc.

Cultura de massa versus cultura popular

A indústria cultural cria a cultura de massa, ou seja, a cultura destinada às multidões. Isso não tem nada que ver com cultura popular, que seria a cultura própria e espontânea de um povo, refletindo suas particularidades regionais e recuperando a tradição e os valores autênticos de certo grupo social. A cultura de massa, ao contrário, homogeneíza as manifestações artísticas ao oferecer à exaustão determinado fenômeno de venda e veicular sempre o mesmo, o que desestimula o espírito inovador e empobrece o cenário cultural.